

O estilo de raciocínio e a influência da ciência econômica*

The Style of Reasoning and the Influence of Economics

Celso Pereira Neris Junior**

Resumo: Este trabalho procura descrever o papel dos modelos econômicos e ilustrar as intersecções dessa discussão com a do papel das narrativas e das metáforas na ciência econômica. A disciplina da economia possui influência sobre o campo de estudo, no sentido de que provê não só uma explicação sobre como as coisas funcionam, mas também fornece aos indivíduos maneiras de enxergar as relações e as estruturas existentes na realidade. A modelagem é o estilo de raciocínio dominante a partir do qual os economistas descrevem e observam o mundo. As narrativas são um tipo específico de relato que ordena e conecta elementos para dar sentido às suas relações. As metáforas, por sua vez, são dispositivos que habilitam determinadas maneiras de ver as coisas. Assim, tem-se um elo entre esses elementos cuja exploração permite derivar conclusões acerca das implicações e dos compromissos éticos da ciência econômica em torno dos seus procedimentos metodológicos.

Palavras-chaves: Modelos. Narrativas. Metáforas. Metodologia. Influência.

Abstract: This paper seeks to describe the role of economic models and illustrate the intersections of this discussion with the role of narratives and metaphors in economic science. The discipline of economics has an influence on the field of study in the sense that it provides not only an explanation of how things work, but also gives individuals ways of seeing the relationships and structures that exist in reality. Modeling is the dominant style of reasoning from which economists describe and observe the world. Narratives are a specific type of story that order and connect elements to make sense of their relationships. Metaphors, in turn, are devices that enable certain ways of seeing things. Thus, there is a link between these elements whose exploration allows conclusions to be drawn about the implications and ethical commitments of economic science in relation to its methodological procedures.

Keywords: Models. Narratives. Metaphors. Methodology. Influence.

JEL: B41. A11. Z13.

* Submissão: 20/8/2023 | Aprovação: 28/08/2023 | DOI: 10.29182/hehe.v26i2.943

** Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Brasil | ORCID: 0000-0003-1280-3049
| E-mail: celso.neris@unesp.br



Esta publicação está licenciada sob os termos de
Creative Commons Atribuição-Não Comercial
4.0 Internacional

Introdução

Após a crise econômica de 2007-2008, a discussão a respeito da influência que os economistas exercem sobre a economia e sobre os outros campos de estudo se tornou frequente entre os cientistas sociais. Hirschman e Berman (2014) apontam três motivos pelos quais os economistas possuem tal influência. Em primeiro lugar, os economistas possuem autoridade profissional, uma vez que a ciência econômica é um campo de estudo prestigiado e bem financiado. Em segundo lugar, os economistas possuem uma posição institucional privilegiada, pois estão presentes em organizações e redes de formulação de políticas públicas. Por fim, os autores apontam a infraestrutura cognitiva da ciência econômica. Este último motivo diz respeito a um estilo de raciocinar dos economistas, que deriva em, ao menos, duas consequências. A primeira é a de criar uma forma de se comunicar única entre os membros da comunidade científica e, em segundo lugar, relaciona-se com a capacidade que a ciência econômica tem de estabelecer dispositivos políticos e econômicos na realidade, que produzem conhecimento e ajudam os indivíduos a tomarem decisões econômicas.

Fourcade, Ollion e Algar (2015), no texto *The superiority of economists*, discutiram a influência, do ponto de vista metodológico, que a ciência econômica possui em outros campos de estudo. O texto provocou uma série de questionamentos a respeito da credibilidade não só dos economistas, mas sobre o que eles consideram e como se nutrem da sua metodologia científica. À época, Paul Krugman (2014), um teórico agraciado com o prêmio Nobel de Economia em 2008, comentou o texto dos autores em tom de alerta para a comunidade acadêmica. Segundo ele, há muito prestígio para economistas que publicam em revistas consideradas de elite na profissão. Essas revistas publicam “modelos elegantes”, mas que, em geral, não são relevantes para a compreensão de fatos econômicos da vida real. Ademais, a busca por prestígio, por meio de publicações de modelos, pode impedir que métodos alternativos de raciocinar a economia sejam considerados.

De acordo com Morgan (2012), a ciência econômica se tornou uma disciplina poderosa não só por dar um particular entendimento da economia, mas também por prover mecanismos para intervir no seu campo de estudo. Modelos, nesse sentido, ajudam a criar diferentes modos de interagir com a economia e, como na engenharia, modificam o mundo de maneira diferente da que era feita pelos economistas de outrora. Modelos expressam, de uma maneira rigorosa e sofisticada, o que os economistas querem entender e des-

crever. Morgan (2001, p. 361) explica que “a maneira como os modelos ajudam a descrever e entender o mundo econômico em que vivemos é contando histórias sobre o mundo”. Isto é, modelos precisam de histórias que os tornem inteligíveis.

O modo de raciocinar a partir de modelos e de explicar o mundo é um estilo de raciocínio dominante na ciência econômica, de tal modo que é considerado uma prática naturalizada e muitas vezes tomado sem questionamentos por parte dos economistas. Essa interação entre modelos e o modo de contar as histórias tem sido objeto de estudo por parte da metodologia econômica. De um lado, há a necessidade de se entender como se dá a comunicação dos economistas (dentro de quais parâmetros ela se dá) e, por outro, o quanto um modo específico de linguagem utilizada entre os economistas pode influenciar a ciência econômica. Este trabalho tem o objetivo de discutir esses pontos partindo da discussão da adoção do estilo de raciocínio com base em modelos. A ideia de adoção permite observar que a ciência econômica tem uma constituição do conhecimento científico permeada não só por critérios científicos, mas também psicológicos e sociais. Em seguida, discutem-se as definições, o papel e a relevância dos modelos, das narrativas e das metáforas na ciência econômica, respectivamente. Busca-se ilustrar as intersecções dessa discussão entre esses elementos e, por fim, fazer considerações a respeito das implicações da adoção e da influência do estilo de raciocínio adotado pela ciência econômica.

1. A adoção do estilo de raciocínio

A sociologia do conhecimento científico (SSK), à luz da influência de Thomas Kuhn e sua abordagem de paradigmas da ciência, estabelece que os cientistas de uma comunidade particular são levados a pensar por meio de determinados modos do fazer científico estabelecidos consensualmente. Assim, os cientistas são influenciados por aspectos da sua comunidade, isto é, onde estudaram, treinaram ou mesmo onde estão empregados (Boumans; Davis, 2016). É nesse sentido que o consenso metodológico em torno do procedimento científico de se fazer modelos na ciência econômica, isto é, o estilo de raciocínio baseado em modelos econômicos¹, é discutido.

¹ Neste texto, a compreensão é a de que esse estilo de raciocínio a partir de modelos é uma abordagem metodológica *mainstream* na ciência econômica. Segundo Colander *et al.* (2004), *mainstream* são as ideias dos indivíduos que são dominantes nas principais instituições acadêmicas, organizações e revistas em um determinado momento. Como a discussão aqui está vinculada a um estilo de raciocínio, não é exagero

No texto “O que são modelos econômicos?”, Ouliaris (2011, p. 46) afirma que:

An economic model is a simplified description of reality, designed to yield hypotheses about economic behavior that can be tested. An important feature of an economic model is that it is necessarily subjective in design because there are no objective measures of economic outcomes. Different economists will make different judgments about what is needed to explain their interpretations of reality.

Nessa definição, a modelagem é vista como uma atividade “necessariamente subjetiva”. Isso é verdade, em um primeiro momento, uma vez que a seleção dos fatos e a maneira de como abordá-los são atividades inicialmente subjetivas. Mas a atividade científica se dá em comunidade, e, portanto, a modelagem é o resultado de um processo de adoção de determinada abordagem metodológica por parte de um pesquisador individual em um contexto social.

Almeida, Angeli e Pontes (2017) discutem o fato de que a formação de um economista não está apenas relacionada ao ensino de conceitos, teorias e dados históricos. Essa formação é resultado da interação entre a “organização social e científica” da ciência econômica e os pesquisadores individuais. Isto é, a adoção de determinado estilo de raciocinar e seu desenvolvimento estão imersos socialmente e, portanto, vinculados a interações caracterizadas por “redes, posições internamente relacionadas com as regras e práticas associadas” (Pagano, 2004, p. 252).

Nesse sentido, de maneira não exaustiva, Neris Jr. (2020) aponta quatro aspectos relacionados à organização social e científica da ciência econômica para a adoção de determinadas abordagens teóricas, que podem ser interpretados como potenciais explicações para a adoção do estilo de raciocínio aqui discutido.

O primeiro deles é a visão particular da realidade. Esse aspecto diz respeito ao fato de que as crenças que os indivíduos possuem são *path dependente*, isto é, elas estão alicerçadas em julgamentos, pontos de referências e noções pré-concebidas do mundo. Assim, a adoção de um estilo de raciocínio pode ter uma relação direta com a história de cada indivíduo e com suas “visões pré-concebidas de mundo” (Schumpeter, 1954).

dizer que aprender e trabalhar com modelo é uma prática que independe da posição teórica e/ou ideológica que um pesquisador em economia ocupa.

O segundo aspecto é o da mediação social. Os indivíduos de uma comunidade acadêmica devem apresentar seus produtos de pesquisa em uma ampla gama de canais. Isto é, devem ter seus trabalhos lidos, discutidos e chancelados por seus pares. Assim, a adoção de um estilo de raciocínio será influenciada pelo desejo de participar de determinados grupos que utilizem aquela maneira de se pesquisar na ciência econômica. Quer dizer, é uma maneira de agir que evita se insular daquilo que é considerado consensual no meio científico.

O terceiro aspecto tem relação com o segundo. Diz respeito à influência do *mainstream*, que é a porção sociológica da comunidade mais prestigiada do campo científico. É natural que os indivíduos de uma comunidade acadêmica queiram fazer parte de um grupo que possua uma abordagem bem-sucedida. Por bem-sucedida entende-se a abordagem que “(a) adota suposições amplamente aceitas; (b) possui um modo padronizados sobre como fazer as coisas (isto é, uma linguagem comum); e (c) é reforçada pelos praticantes que estão nas melhores posições acadêmicas” (Neris Jr., 2020, p. 207). Pesquisadores na ciência econômica serão influenciados por aquilo que é *mainstream*, assim como os tomadores de decisão política serão mais facilmente influenciados por abordagens de pesquisadores que estejam nessa posição. Isto é, um tomador de decisão política provavelmente optará por seguir aquela abordagem que possui prestígio e relevância dentro da comunidade científica da ciência econômica.

O quarto aspecto diz respeito à instrumentalização da realidade pela teoria econômica. A adoção de uma determinada abordagem pode se dar pelo fato de que é a que está mais imersa na realidade por meio de dispositivos de interpretação e dispositivos de escolha (Hirschman; Berman, 2014). Isto é, os dispositivos que possibilitam as pessoas perceberem o mundo de uma maneira nova e os que fornecem alguns artifícios para estreitar o campo de visão de um tomador de decisão em situação de incerteza, respectivamente. Quanto mais embasadas as falas dos economistas estiverem nos dispositivos incorporados na realidade, mais influência seu discurso terá sobre a realidade. Por essa razão, a discussão que se segue visa discutir o papel da modelagem como estilo de raciocínio e em que medida a sua adoção permite influenciar a realidade.

2. A modelagem como estilo de raciocínio adotado

Mary Morgan tem um longo histórico de pesquisa a respeito dos modelos na ciência econômica. No capítulo 10 do seu livro *The world in the*

model: how economists think, ela discute alguns aspectos do papel dos modelos no mundo social. Destacam-se dois pontos que são de particular interesse para a discussão feita neste trabalho. Um diz respeito aos modelos na comunidade científica da ciência econômica e o outro como objeto da realidade.

Em primeiro lugar, o papel dos modelos como “objetos de trabalho” da ciência econômica (Morgan, 2012). A exposição do raciocínio econômico a partir de um modelo totalmente abstrato nos remete ao trabalho de David Ricardo no século XIX. Se o autor inglês raciocinou a partir de demonstrações lógicas e dedutivas, a ciência econômica evoluiu de tal maneira que, hoje em dia, os modelos são apresentados de maneira totalmente matemática e/ou diagramática. Mary Morgan (2012) explica que a noção de leis e as teorias gerais desapareceram da ciência econômica ao longo do tempo. Ainda no início do século XX, a obra de John Maynard Keynes já enunciava sua pretensão em *A teoria geral dos juros, do emprego e da moeda*. Ao longo do século, principalmente no pós-guerra, com o avanço das técnicas estatísticas, o que se observou na disciplina da ciência econômica foi o avanço da matematização e o colapso da distinção entre teoria e modelos.

Os modelos são pequenos mundos, isto é, são objetos que expressam a vida de uma forma exata e curta (Morgan, 2012), por isso eles possibilitam aplicações específicas. Uma comparação possível é com atlas, espécimes, processos em laboratórios, mas também com sonetos. Em comum com esses outros elementos de interpretação e descrição da realidade, os modelos econômicos observam o mesmo processo de redução da escala, simplificação e o suporte de regras formais e, para serem manuseáveis, suprimem alguns elementos da realidade (Morgan, 2012).

Estas duas últimas características merecem atenção. Tanto a supressão da realidade quanto a maneabilidade de um modelo são requisitos estabelecidos pela comunidade científica da ciência econômica. Em relação à supressão da realidade, é necessário se ancorar em hipóteses e conceitos que sejam compartilhados no campo científico da ciência econômica. No que diz respeito à maneabilidade, os modelos devem ser construídos em torno de ferramentas conhecidas e adotadas dentro da academia.

Do ponto de vista epistemológico, é possível dizer que a ciência econômica *mainstream* evoluiu ao longo do tempo para uma junção de ideias, linguagem e conteúdo que podem ser sintetizadas em duas hipóteses: maximização da utilidade individual e tendência ao equilíbrio. Mesmo que não apareçam de maneira conjunta, Morgan (2012) destaca que essas duas hipóteses foram

suficientes para construir qualquer modelo na ciência econômica. Assim, a modelagem, com base em alguns pressupostos e conceitos angulares, é um compromisso metodológico consensual dentro da comunidade acadêmica da ciência econômica. Aqueles que não possuem essa prática, de alguma maneira, estão devem buscar canais de comunicação alternativos dentro do campo de pesquisa.

O segundo aspecto é sobre os modelos no mundo (Morgan, 2012). Morgan ressalta o fato de que é possível observar na ciência econômica, desde Adam Smith, a intenção de teorizar para intervir no mundo. Isto é, selecionar um problema específico da realidade, desenvolver uma interpretação e sugerir uma recomendação de política econômica. Isso pode ser observado tanto na restrição às importações dos cereais, tratadas na obra de David Ricardo, quanto nas recentes contribuições agraciadas com o prêmio Nobel, como a teoria dos contratos ou mesmo a dos leilões.

Ao mesmo tempo, os acontecimentos no mundo mudam a percepção que a comunidade científica possui a respeito dos modelos utilizados para descrever a realidade. É o caso das mudanças na teoria macroeconômica decorrentes da grande depressão em 1930, da estagflação em 1970 e, mais recentemente, da crise econômica de 2007-2008. Esses eventos provocaram questionamentos e forçaram uma revisão dos consensos metodológicos estabelecidos na teoria macroeconômica em cada um desses períodos.

Quando observamos o papel dos modelos na realidade, à luz do estudo de Morgan (2012), dizemos que eles são ferramentas como as utilizadas na engenharia, pois oferecem elementos para serem operacionalizados e carregam, dentro de sua estrutura, sugestões normativas (deve ser feito isso ou aquilo). Esse ponto será detalhado a seguir, mas é possível depreender, dessas últimas observações, que os modelos econômicos podem influenciar aspectos da realidade, ao mesmo tempo que podem ser modificados à luz das mudanças observadas na realidade.

Segundo Morgan (2012), esse estilo de raciocinar e descrever o mundo a partir de modelos matemáticos e diagramáticos não muda a forma como o mundo é construído e que o formata, mas naturaliza o que é reconhecido e interpretado no mundo. Quer dizer, após aprenderem por meio de modelos, os indivíduos podem passar a interpretar a realidade econômica à luz daquilo que foi desenvolvido no interior da comunidade acadêmica da economia. A modelagem, portanto, provê uma nova maneira de olhar e enxergar os indivíduos. Para utilizar a formulação de McCloskey (1992), a educação na ciência

econômica carrega o ideal de que o estudante começará a “pensar como economista” (McCloskey, 1992, p. 238). Mas, mais do que se restringir aos estudantes de economia, por meio da articulação do estilo de raciocínio e elementos na realidade, a ciência econômica pode moldar a visão dos indivíduos a respeito da realidade econômica (Neris Jr.; Fucidji; Almeida, 2021).

Essa é uma das razões pelas quais esse estilo de raciocinar, considerado rigoroso e objetivo, garante à ciência econômica prestígio e influência. Mas ainda é preciso avançar mais no sentido de compreender como os economistas articulam seu estilo de raciocinar com as narrativas que possuem a respeito do curso dos eventos e, assim, podem influenciar a realidade. De antemão, o sentido de narrativa adotado utilizado por este trabalho é o enunciado por Morgan e Stapleford (2023), qual seja, o de um gênero específico de relato que ordena e conecta vários elementos para dar sentido às suas relações. Na interpretação aqui adotada, o que é ordenado e conectado são os elementos oriundos dos modelos, presentes na realidade, e a cognição dos agentes, presentes na economia.

3. As narrativas como forma de influenciar a realidade

Tendo discutido a respeito do estilo de raciocinar por parte dos economistas, é necessário compreender como os modelos ajudam a descrever e entender o mundo econômico a partir de narrativas contadas a partir deles (Morgan, 2001). Modelos econômicos são utilizados para que se entendam as relações causais existentes no mundo e são complementados, ou mesmo refinados, à luz de testes empíricos. Modelos são específicos para um contexto particular e, em geral, possuem uma cláusula de *ceteris paribus*, que possibilita a análise da causalidade de uma variável, deixando todas as demais constantes.

Como pontua Klein (1999), os modelos econômicos são ferramentas de papel. Após construídos, os modelos precisam ser manipulados por uma dinâmica externa para que possam dar respostas, de acordo com as perguntas que podem ser feitas a partir de sua estrutura. Em um modelo simples de oferta e demanda, não é possível verificar qual o efeito do aumento da demanda na taxa de juros, pois ele não contém essa variável dentro de sua estrutura. Assim como, do ponto de vista de sua operacionalidade, não é possível verificar o efeito do aumento do preço na quantidade demandada, sem que se mantenha a oferta constante.

Na definição de Boumans (2001, p. 273), “models are the economist’s instruments of investigation, just as the microscope and the telescope are tools of the biologist and the astronomer”. Para investigar, é preciso ter perguntas que irão orientar tal atividade. Isso implica que modelos não são apenas governados por lógicas dedutivas de argumentação, mas também pelas histórias que podemos contar a partir deles (Morgan, 2001). As perguntas e respostas que podem ser derivadas dos modelos formam suas narrativas.

Morgan (2001) ilustra esse ponto da seguinte maneira. Um modelo da ciência econômica caracteriza um aspecto do mundo em uma forma matemática. Em seguida, usa-se essa caracterização para responder uma pergunta relevante para o mundo. Ao responder essa pergunta, contam-se histórias a partir dos modelos que se ligam com os objetos presentes no mundo. Morgan (2001) pontua que modelos econômicos não visam responder “por quê?”, mas estão preocupados com duas questões principais “o que acontece se?” e “como isso acontece?”.

Na ciência econômica *mainstream*, existe um aspecto consensualmente aceitável de que os modelos econômicos não precisam ser baseados em suposições realistas. Isto é, modelos econômicos são apoiados em hipóteses e conceitos que não são necessariamente observados na realidade, mas que seria ideal se assim o fossem. Por exemplo, a suposição de expectativas racionais nos modelos macroeconômicos. É pouco provável que todos os agentes em uma economia conheçam como uma economia funciona, tal qual supõe o modelo, mas os resultados desses modelos mostram que os resultados observados seriam melhores se assim os agentes o fossem. Nesse sentido, indo além das considerações de Morgan (2001), os modelos também fornecem elementos que mostram como a realidade poderia ser “consertada”.

Então, a maneira como os modelos se relacionam com o mundo se dá também por meio de interpretações. Mais do que um critério científico de falseabilidade de um modelo (como proposto por Popper), a maneira que os economistas possuem de convencer o público, tanto o interno à academia quanto o externo à ela, a respeito das questões evocadas por seu modelo, é por meio do quão persuasivas são as histórias contadas a partir dele. Para que os agentes possam ter expectativas racionais, por exemplo, dispositivos deveriam ser construídos a fim de permitir maior acesso às informações por parte dos agentes e, com isso, propiciar a possibilidade de um resultado ótimo, do ponto de vista econômico. Ademais, é preciso um ator da realidade econômica que conte uma história a partir desse modelo e guie as expectativas dos agentes.

Assim, modelos são ferramentas que precisam de uma narrativa, um discurso para que possam ser acionados na realidade. O estilo de raciocinar da ciência econômica se conecta com o mundo a partir da interação de dispositivos na realidade, mas também por meio do discurso. Nesse contexto, a estratégia retórica para persuadir o público é importante.

Analisando o trabalho de Bianchi e Patalano (2017) e Ingrao (2018), Morgan e Stapleford (2023) mostram dois pontos que se coadunam com a visão até aqui discutida a respeito da conexão entre o estilo de raciocínio e a influência da ciência econômica. Em primeiro lugar, a importância que as narrativas dos economistas desempenham para o comportamento dos agentes econômicos, isto é, o papel cognitivo que as narrativas desempenham para os agentes que a economia está modelando. A narrativa é um dispositivo de raciocínio que irá reunir o que é conhecido (a realidade, “como é”) com o que pode ser possível (“como se” [as if]). É uma combinação da “dimensão lógico-científica” com “experiência do ordenamento” na “construção da realidade” (Bianchi; Patalano, 2017).

Em segundo lugar, Morgan e Stapleford (2023) discutem sobre a relevância das práticas narrativas como função cognitiva para os próprios economistas no exercício de teorização/modelagem. O primeiro passo para isso ocorre no esqueleto matemático do modelo desenvolvido pelo economista. Ele é rotulado com nomes e significados a fim de criar um mundo econômico fictício. O segundo passo é a “argumentação narrativa” com o modelo, conforme explicada anteriormente em Morgan (2001), isto é, como as interações sociais que se quer analisar podem ser enquadradas conceitualmente no modelo. Por fim, a narrativa é um recurso potencial que visa explicitar como os personagens fictícios do modelo podem ser “transfigurados” em eventos da realidade (Ingrao, 2018).

A seguir, discute-se o papel das metáforas no mundo social, uma vez que os modelos podem ser comumente vistos como elementos metafóricos utilizados no interior da ciência econômica para interpretar e ensinar sobre a economia.

4. Metáforas interpretadas como modelo e metáforas no discurso científico

O mundo social é o local complexo e multifacetado no qual os agentes econômicos precisam tomar decisões em um cenário de incerteza. Alguns

estudiosos assumem a possibilidade de que as metáforas ajudam um observador a estabelecer relações causais entre os elementos que compõem o mundo e, até mesmo, projetar fatos futuros.

No campo da linguística cognitiva, esse papel é reconhecido pelos autores Lakoff e Johnson, no livro *Metaphors we live by*, em 1980. Para eles, “the essence of metaphor is understanding and experiencing one kind of thing in terms of another” (Lakoff; Johnson, 2003, p. 5). Nas palavras de Morgan (2010), metáforas criam *insights*. Isto é, as metáforas proporcionam imagens pedagógicas que fornecem uma compreensão, mesmo que parcial, a respeito do que está sendo observado por um indivíduo. As metáforas possibilitam a projeção de fatos e situações e, com isso, organizam, em um esquema mental, as relações observadas entre os elementos visualizados.

Por outro lado, as metáforas também distorcem e são carregadas de limitações (Morgan, 2010). Quando direcionam a atenção para uma determinada relação, as metáforas desviam de outras possibilidades relacionais e/ou causais. Ou seja, ao passo que “criam maneiras de ver”, também estão criando maneiras de “não ver”, ou mesmo perceber, os fatos observados (Morgan, 2010).

Os linguistas Lakoff e Johnson (2003) utilizam o exemplo de se tomar, metaforicamente, uma discussão (*argument*) como uma guerra. Diversas expressões ilustram isso: “ele atacou cada ponto do argumento”, “sua crítica foi direto ao ponto”, “esse é um ponto indefensável” etc. Quando se assume essa perspectiva, estrutura-se a imagem de que o interlocutor seja um oponente. Assim, nosso comportamento em uma discussão será “estruturado pelo conceito de guerra” (Lakoff; Johnson, 2003).

Os autores propõem um exercício no qual, em um contexto alternativo, uma discussão fosse vista como semelhante à uma dança. Nessa situação, o interlocutor teria uma imagem diferente da de alguém que deva ser vencido; a discussão seria vista, ao invés disso, como uma parceria em torno de um mesmo objetivo comum. Assim, a metáfora não só condiciona uma prática discursiva, mas também pode estruturar a visão de mundo dos indivíduos sobre como eles percebem os fatos da vida e, com isso, influenciar suas ações.

Quando assumimos que as metáforas podem ajudar a estruturar como se observa o mundo, assumimos a possibilidade de que determinadas metáforas irão não só explicar como as coisas funcionam, mas também que podem ajudar na tarefa de influenciar realidades. Essa discussão retornará a seguir.

Antes, porém, é preciso discutir por quais caminhos essa discussão a respeito das metáforas se deu na comunidade científica da ciência econômica.

Em oposição ao que chamou de “modernismo na Ciência Econômica”, McCloskey (1985) desenvolveu uma abordagem a respeito da retórica da economia. Para ela, a ciência econômica é uma disciplina literária. Segundo a autora, a fim de tornar seus discursos atraentes, uma das ferramentas literárias mais utilizadas pelos economistas é a metáfora. Essa é uma visão que, quando publicada, chamou a atenção para a conversação entre os economistas. Isto é, como os economistas trocam suas ideias em comunidade e como persuadem uns aos outros a respeito delas. Uma das recomendações feitas pela autora era de que isso se fizesse a partir de algumas regras para que, então, pudesse se dar de maneira razoável (“a boa conversa”).

Mas, mais do que convencer uma audiência acerca de uma determinada ideia que julguem adequada, os economistas também podem utilizar metáforas para evidenciar causalidades observadas na realidade social e, com isso, dar explicações econômicas para fatos da vida social. De acordo com Henderson (1986, p. 110-111), metáforas, no contexto da ciência econômica, podem ser entendidas como “a device for exploring specific economic problems and a basis for extending the domain of economic ideas”. McCloskey (1995, p. 215), em seu artigo *Metaphors economists live by*, inspirada na abordagem de Lakoff e Johnson (1980), também pontuou o fato de que metáforas não são meros ornamentos retóricos do discurso dos economistas.

As metáforas implicam “uma maneira de pensar e uma maneira de ver, que permeia a forma como entendemos o mundo” (Morgan, 2006, p. 4). Quando olhamos para a comunidade científica da ciência econômica, podemos ter em mente as palavras de Morgan (2006, p. 339):

[...] when scientists study light as a wave it reveals itself as a wave. When it is studied as a particle, it reveals itself as a particle. Both tendencies or qualities co-exist. The metaphor that the scientist uses to study these latent tendencies shapes what he or she sees. The same is true of organization. Think “structure” and you’ll see structure. Think “culture” and you’ll see all kinds of cultural dimensions. Think “politics” and you’ll find politics. Think in terms of system patterns and loops, and you’ll find a whole range of them. (Morgan, 2006, p. 339)

Três exemplos de metáforas constitutivas na ciência econômica são fornecidos por Bicchieri (1988, p. 107): (i) a extensão da teoria do consumidor

para outros campos que não a ciência econômica; (ii) a teoria dos jogos; (iii) o programa dos microfundamentos na macroeconomia. Em todos esses casos, segundo ela, objetos ou fenômenos são representados “como se” (*as if*) eles possuíssem certas propriedades ou como se eles satisfizessem determinadas relações. Além disso, em todos esses exemplos, existe determinada maneira de se conceber os indivíduos, quer dizer, é conferida a eles uma regra *ex ante* de comportamento não observada na realidade, mas que dá suporte ao modelo em questão.

Ao estarem contidas nos modelos da ciência econômica, essas regras de comportamento são utilizadas para influenciar a realidade. Segundo Bicchieri (1988), o uso de modelos requer o uso de metáforas, e estas evocam uma analogia e criam, a partir disso, similaridades. Assim, o que está contido nos modelos é uma descrição metafórica que sugere novas relações, ou novas maneiras de olhar um determinado fenômeno, bem como sugere possíveis ajustes a serem feitos na realidade para que ela funcione melhor.

Bicchieri (1988) argumenta que a metáfora é interativa entre dois elementos constitutivos: o objeto (*subject*) primário e o secundário. Uma metáfora efetiva implica que os dois objetos são tomados de diferentes domínios, ou modos de discurso, e são trazidos juntos interativamente (Bicchieri, 1988). As metáforas científicas são destinadas a serem usadas amplamente e são submetidas à articulação com os indivíduos. Os dois níveis (*subjects*) são explorados, por vezes, por mais de uma geração de pesquisadores. Por conta disso, uma metáfora científica bem-sucedida é uma metáfora morta (estabilizada), uma vez que ela está entranhada no corpo de conhecimento de determinada comunidade científica (Bicchieri, 1988).

Klamer e Leonard (1994) identificam três classes de metáforas científicas, a saber: (i) “metáforas pedagógicas”, que iluminam e clarificam uma exposição, de modo que podem ser omitidas sem que a argumentação seja afetada; (ii) “metáforas heurísticas”, que são catalisadoras do pensamento, ajudando-o a abordar um fenômeno de uma nova maneira, por exemplo, a partir do uso de uma analogia; (iii) “metáforas constitutivas”, que operam, em um nível ainda mais fundamental, como esquemas conceituais por meio dos quais interpretamos o mundo que seja incognoscível ou desconhecido, isto é, estruturam o pensamento a respeito de um objeto de pesquisa (Klamer; Leonard, 1994). Os três tipos de metáforas, portanto, modificam o modo como as coisas são vistas na realidade, pois elas colocam a realidade dentro de uma determinada estrutura, assim como os modelos fazem.

Aplicando ao interior do âmbito científico, as metáforas ajudam a definir, ou mesmo reforçar, uma “matriz disciplinar” no sentido kuhniano ou um “núcleo duro” da ciência no sentido lakatosiano. Richard Bronk (2009), por exemplo, afirma que a incorporação de uma metáfora pode ajudar um paradigma a evoluir, mas também, por vezes, pode resultar em sua mudança, uma vez que ela pode desempenhar um papel semelhante ao da poesia ao “bagunçar nossos modos habituais de ver” (Bronk, 2009, p. 273).

Richard Bronk (2010) recorre a Immanuel Kant para dizer “que o mundo, tal como ele é, é uma criação da nossa própria mente” (Bronk, 2010, p. 102). Nesse sentido, o autor utiliza a citação de um ensaísta inglês do século XIX, S.T. Coleridge, segundo o qual “you must have a lantern in your hand to give light, otherwise all the materials in the world are useless, for you cannot find them and, if you could, you could not arrange them.”

Essa citação é útil para algumas qualificações feitas por Bronk (2010). A luz projetada pela lanterna possui uma direção, o que implica que, enquanto uma área está iluminada, outras não estarão. Assim são os modelos na ciência econômica, segundo ele. Quando se interpreta o mundo em termos de um modelo, estrutura-se a visão e a análise de uma certa maneira. Quanto mais útil esse modelo parecer, mais as pessoas se esquecerão de que se trata de algo estilizado e o modelo se tornará cada vez mais internalizado como parte da explicação de como as coisas realmente são.

Nesse sentido, Bronk (2010) discute sobre a necessidade de que os economistas estejam conscientes de como as metáforas e os modelos estruturam suas análises. A razão para isso é a possibilidade de se experimentar diferentes visões e interpretações do mundo, que não estejam consolidadas em um pensamento único, mesmo que esse pensamento possa ser consensual dentro da comunidade científica. Bronk (2010) escreve esse texto em um livro sobre a crise financeira de 2008 e a conclusão é a respeito da necessidade de que os economistas utilizem modelos que sejam menos alinhados à uma visão de racionalidade, calcada metodologicamente em modelos influenciados pela física, e mais associados a uma visão orgânica e complexa. Tal visão, segundo o autor, iluminaria ainda mais aspectos da realidade não observados pelos economistas no momento da crise.

Em que pese sua crítica ser datada de um momento específico da história e lançar luz sobre a prática da teoria macroeconômica do período, o aspecto que chama atenção aqui, além do fato de que metáforas e modelos são utilizados de maneira intercambiável, é como isso gera implicações tanto do

ponto de visto da comunidade acadêmica como para o público externo. Isto será pontuado brevemente nas considerações finais.

5. Considerações finais

Retomar as questões associadas à crise de 2007–2008 pode parecer um pouco distante, uma vez que nos defrontamos com problemas econômicos novos e a fronteira da teoria econômica têm discutido, cada vez mais, temas que vão além dos aspectos macroeconômicos. No entanto, essa retomada nos permite traçar conclusões em dois pontos principais.

O primeiro diz respeito à consolidação da visão dos economistas *mains-tream* de que a ciência econômica pode ser definida como uma disciplina que tem por atividade científica a construção de modelos matemáticos. Sheila Dow (2021) discute como essa definição é incontestada por determinado grupo de pesquisadores em economia e que isso pode ser definido como um monismo metodológico, em contraposição a um pluralismo. Se a realidade econômica, objeto de estudo da ciência econômica, é plural e multifacetada, não deixa de ser problemática essa visão em torno de apenas um procedimento metodológico como sendo considerado como o único científico. Além disso, corre-se o risco de que, como enunciado por Krugman (2014), a relevância seja suplantada não pelo desejo de rigor da atividade científica, mas pelo fato de que, por ser organizada de maneira social e científica, a prática da pesquisa econômica seja notabilizada pela rotina pouco crítica de *apenas* se fazer modelos para angariar mais fama e prestígio na profissão. Nesse sentido, chama atenção o fato de que o mais prestigiado prêmio atribuído aos economistas, o Nobel, é frequentemente dado para aqueles pesquisadores que conseguem expandir o alcance do estilo de raciocínio da ciência econômica. Tomado dessa forma, o que é considerado avanço científico coloca a busca pela ampliação do conhecimento do objeto de investigação, a economia, em segundo plano.

Neste trabalho, foi possível observar que o estilo de raciocínio com base em modelos vai além da compreensão de como as coisas funcionam, uma vez que eles podem também influenciar a realidade social. No campo da metodologia da economia, tem-se alertado para a importância da discussão ética a respeito tanto de novos meios de comprovação de resultados dos modelos (a partir de métodos estatísticos importados de outras ciências) quanto sobre as implicações normativas dos dispositivos de intervenção da realidade oriundos

desses modelos. Neste último ponto, se a maneira como as histórias são contadas a partir dos modelos importa, chama-se a atenção para uma discussão ética a respeito de quem domina as narrativas, uma vez que a ciência econômica não é uma disciplina que está ilhada de outros aspectos (mecanismos de poder, por exemplo) da realidade social, que também influenciam suas pesquisas científicas.

Isso leva a um segundo ponto dentro dessa discussão sobre ética. Percebemos que esse estilo de raciocínio da ciência econômica é, na verdade, uma linguagem particular que a torna, ante a sociedade e outras ciências sociais, parcialmente hermética. É possível dizer que existe um estilo de raciocinar econômico, cuja construção demanda uma necessária incursão aos manuais teóricos da disciplina. A articulação de um modelo e a possibilidade de se contar histórias a partir dele é algo apenas facultado àqueles atores da realidade que sabem teoria econômica ou que dominam os canais de comunicação da ciência econômica. Isso a despeito do fato de que os efeitos de uma intervenção na realidade serão sentidos por todos os indivíduos do sistema econômico.

A fim de que possamos avançar na compreensão desses pontos e chamar a atenção para a falta de pluralismo metodológico, para as implicações éticas das pesquisas em economia e para as implicações do domínio das narrativas a partir dos modelos, é preciso, como pontua Maki (2021), investigar a ciência econômica como sendo uma disciplina com uma estrutura institucional e cultural interna, cujas características moldam seu funcionamento.

Referências

ALMEIDA, F.; ANGELI, E.; PONTES, R. An institutional explanation for economists' theoretical and methodological choices. *Review of Political Economy*, v. 29, n. 1, p. 80-92, 2017.

BIANCHI, M.; PATALANO, R. Storytelling and choice. *Rounded Globe*, 2017. Disponível em <<https://roundedglobe.com/html/1dd3bc40-0775-4182-87a1-d20e0529076f/en/Storytelling%20and%20Choice/>>. Acesso em 1º jul. 2023.

BICCHIERI, C. Should a scientist abstain from metaphor? In: KLAMER, A.; MCCLOSKEY, D.; SOLOW, R. (Org.). *The consequences of economic rhetoric*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 100-114, 1998.

BOUMANS, M.; DAVIS, J. *Economic methodology: understanding economics as a science*. Basingstoke, UK: Palgrave, 2016.

BRONK, R. *The romantic economist: imagination in economics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

BRONK, R., Models and metaphors. In: SKIDELSKY, R.; WIGSTRÖM, C. (Org.). *The economic crisis and the state of economics*. Palgrave Macmillan, p. 101-109, 2010.

COLANDER, D.; HOLT, R.; ROSSER JR., B. The changing face of mainstream economics. *Review of Political Economy*, v. 16, n. 4, p. 485-499, 2004.

DOW, S. Economic methodology, the philosophy of economics and the economy: another turn? *Journal of Economic Methodology*, v. 28, n. 1, p. 46-53, 2001.

FOURCADE, M.; OLLION, E.; ALGAR, Y. The superiority of economists. *Journal of Economic Perspectives*, v. 29, n. 1, p. 89-114, 2015.

HIRSCHMAN, D.; BERMAN, E. Do economists make policies? On the political effects of economics. *Socio-Economic Review*, v. 12, n. 4, p. 779-811, 2014.

INGRAO, B. Models in economics: fables, fictions, and stories. *Annals of the Fondazione Luigi Einaudi*, v. 52, p. 109-132, 2018.

KLAMER, A.; LEONARD, T. So what's an economic metaphor? In: MIROWSKI, P. (Org.). *Natural images in economic thought: markets read in tooth and claw*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 20-51, 1994.

KLEIN, U. Paper tools and techniques of modelling in classical chemistry. In: MORGAN, M.; MORRISON, M. (Org.). *Models as mediators*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 146-167, 1999.

KRUGMAN, P. Notes on the floating crap game (Economics Inside Baseball).

New York Times, 30 de novembro de 2014. Disponível em <<https://archive.nytimes.com/krugman.blogs.nytimes.com/2014/11/30/notes-on-the-floating-crap-game-economics-inside-baseball/>>. Acesso em 1º jul. 2023.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, [1980] 2003.

MÄKI, U. The field: tasks, pasts, futures. *Journal of Economic Methodology*, v. 28, n. 1, p. 3-13, 2021.

MCCLOSKEY, D. A retórica da economia, In: REGO, J. (Org.). *A retórica da economia*. São Paulo: Editora 34, p. 47-80, [1985] 1996.

MCCLOSKEY, D. Other things equal: the natural. *Eastern Economic Journal*, v. 18, n. 2, p. 237-239, 1992.

MORGAN, G. *Images of organization*. Thousand Oaks, CA: Sage, [1997] 2006.

MORGAN, M. Models, stories and the economic world. *Journal of Economic Methodology*, v. 8, n. 3, p. 361-384, 2001.

MORGAN, M. *The world in the model: how economists think*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

MORGAN, M.; STAPLEFORD, T. Narrative in economics: a new turn on the past. *History of Political Economy*, v. 55, n. 3, p. 395-421, 2023.

NERIS JR., C. Estabilização e resiliência das abordagens teóricas: o caso da teoria macroeconômica moderna. *Análise Econômica*, v. 38, n. 77, p. 201-225, 2020.

NERIS JR., C. FUCIDJI, J.; ALMEIDA, R. The performativity thesis and the interactions between economic theories and social reality. *Nova Economia*, v. 31, n. 2, p. 487-510, 2021.

OULIARIS, S. What are economic models? *Finance & Development*, v. 48, n. 2, p. 46-47, 2011.

PAGANO, U. The economics of institutions and the institutions of economics. In: LEWIS, P. (Org.). *Transforming economics: perspective on the critical realist project*. London: Routledge, p. 252-267, 2004.

SCHUMPETER, J. *History of economic analysis*. Nova York: Oxford University Press, 1954.